O DEMOCRATA
(AVENÇADO)

Semanário Republicano de Aveiro

ANO 36.º — N.º 1783

Sábado, 8 de Maio de 1943

VISADO PELA CENSURA

Redacção e Administração
Rua Miguel Bombarda, 21
Comp. e imp.—IMPRENSA UNIVERSAL
R. Combatentes da G. Guerra — AVEIRO

Director e Proprietário
Arnaldo Ribeiro

Editor e Administrador
Manuel Alves Ribeiro
Correspondência dirigida ao Director
Publicidade Lisboa e Pôrto *Agência Havas*

DEFININDO UMA ATITUDE

Nós e o monumento a Lourenço Peixinho

Uma carta do filho do pranteado morto, sr. dr. António Peixinho

Tinhamos a semana passada esboçado um artigo que devia sair com o título acima e o sub-título—*Uma explicação.*

Começava assim:

Quem nos conhece de perto sabe que somos daquêles que nunca recuamos diante das perseguições dos adversários ou inimigos, que o mesmo é dizer: nunca lhes viramos as costas, assim como nunca demonstramos timidez em presença dos perigos que até hoje se nos têm deparado.

Depois seguiam-se outros períodos, para continuarmos desta forma:

Supunhamos nós que ao menos diante do cadáver de Lourenço Peixinho se abateriam tôdas as bandeiras da discórdia para só um pensamento prevalecer à sua volta de modo a ser prestada a maior homenagem a que julgamos com direito o insigne aveirense. Que todos quantos se diziam seus amigos ou admiradores acorreriam a enfileirar a nosso lado, sem hesitações, e portanto que, num praso mais ou menos curto, teriamos diante dos nossos olhos saudosos, a figura do Homem que tanto fez por engrandecer Aveiro, enchendo a cidade de melhoramentos os mais variados e úteis.

E fazendo, a propósito, várias considerações, prosseguimos:

Lourenço Peixinho foi um benemérito—sentimo-nos desvanecidos ao afirmá-lo e por isso repeti-lo-hemos tantas vezes quantas se proporcionar o ensejo. Trabalhou pela sua terra com a maior abnegação, desvêlo e denodo. Sacrificou a sua saúde, os seus haveres e os seus interesses à causa pública, servindo bem. Enfim: foi, no campo das realizações, o maior valor do nosso tempo, quer como Câmara, quer como provedor da Santa Casa da Misericórdia, tendo amado, como ninguém, o seu torrão natal e sendo inexcedível nêsse amor, que consistiu em tudo aquilo que aí se vê de moderno e de que a geração actual é testemunha.

Desejávamos nós que ela lhe manifestasse gratidão depois da morte e por isso lembrámos a Avenida como local—o melhor local—para receber a sua vera-efígie, visto considerarmos o único à altura dos seus méritos, do seu valor e ainda pela circunstância de ter sido Lourenço Peixinho, na qualidade de presidente do município, o realizador dessa grandiosa obra.

Não tinhamos ainda concluido, quando, nesta altura, uma carta aparece, enviada pelo filho do ilustre extinto, sr. dr. António Peixinho. Reproduzimo-la textualmente:

Aveiro, 27 de Abril de 1943

Ex.mo Senhor e meu Amigo:

Em meu nome e de minha Mãe venho fazer-lhe um pedido que nos ocorreu nêste momento de dôr e que até deveriamos ter feito há mais tempo.

Não duvida V. Ex.ª da nossa gratidão para com os amigos de meu Pai, que tantos eram. E foi tão grande a manifestação de pezar que, por ocasião da sua morte, a cidade e o concelho produziram à sua memória que não pode haver dúvida sôbre os sentimentos de tôda a população, sôbre a saüdade que deixou o Homem, que nos não compete apreciar, mas que ocupa todo o nosso coração.

Para quê, pois, um monumento?

Monumento de dôr e de saüdade fica-nos na sua memória. Monumento de dôr e de saüdade fica no coração de todos que justamente o apreciaram em vida pelas suas altas virtudes e qualidades e pelo amôr à sua terra.

Por isso lhe pedimos, confessando-lhe o nosso eterno reconhecimento, para desistir da ideia que lançou no seu jornal e que, pelo menos, por enquanto, não pense nem insista na realização de um acto que, sendo como era extremamente honroso para a memória de meu Pai, pode ferir a memória de muitos que foram grandes em Aveiro e lhe deram lustre e brilho.

Com a maior consideração subscrevo-me

De V. Ex.ª
Att.º Ven.or e Obrg.
ANTÓNIO PEIXINHO

Os comentários que esta carta nos sugeriu! Perante ela tivemos assomos de indignada... tristeza. Mas logo a calma veio, reflectimos e, modificando completamente o que haviamos resolvido e iamos escrever, aqui estamos a dar conta da nossa atitude.

Sr. dr. António Peixinho: é lamentável, profundamente lamentável, o que, de início, surgiu em volta da ideia lançada, justificada e defendida nêste jornal para dignificar a memória de quem tanto fez para elevar a sua e nossa terra. Confessamos o nosso desânimo perante certas atitudes e—o que é mais—perante a maneira de conduzir os trabalhos em preparação. Mas a carta de V. Ex.ª, longe de manter o desânimo e de o radicar, encorajou-nos. A carta de V. Ex.ª, sr. dr. António Peixinho, é tão nobre e revela um aprumo moral tão invulgar nos tempos que decorrem, que, pedindo licença para não atender o desejo que nela manifesta, temos de prosseguir. De prosseguir, sim, na obtenção de donativos para ser levantado, na Avenida, que, felizmente, já tem o nome do seu progenitor, para a vergonha não ser completa, o monumento a que o julgamos com indiscutível direito pelas razões apontadas e que ninguém, absolutamente ninguém, de inteligência esclarecida, se atreverá a desmentir. E não se diga que isto representa uma teimosia da nossa parte. Não. Não é. E' apenas, e ùnicamente, o cumprimento dum dever, como aveirenses, em primeiro lugar, e como admiradores entusiastas das qualidades que exornavam o carácter de Lourenço Peixinho, dos méritos que êle possuia, do trabalho que dispendeu, numa palavra—de tudo quanto concorreu para nos legar os melhoramentos que aí se patenteiam a marcar uma época de progresso e de modernismo sem igual.

Nós somos assim. O servilismo repugna-nos. O servilismo deprime, embota o carácter, diminue o indivíduo. Acostumados à sinceridade e à franqueza, não queremos, já agora, empanar um passado de que nos orgulhamos. Por isso, insistimos: o dr. Lourenço Peixinho há-de ter um monumento na Avenida do seu nome, bem à vista, para que todos o venerem, bem-digam a sua obra, e para que as gerações futuras aprendam a ser gratas, vendo na nossa atitude um exemplo e uma lição.

Aveirenses: acompanhai-nos!

Os nossos anseios reunem a pureza das águas cristalinas da ria e só tendem a um fim: qual seja o de distinguir quem tanto se notabilizou em vida, elevando ao máximo e aureolado de refulgente grandeza o nome que a todos deveria unir sem descrepância—**Aveiro!**

Para a frentre, pois, será o nosso lêma.

Aveirenses: para que os vossos créditos, a vossa sinceridade e os vossos sentimentos de justiça não desmereçam—acompanhai-nos!

Caso grave

Do sr. dr. Delegado do Procurador da República recebemos o que segue:

Aveiro, 1 de Maio de 1943.

...Snr. Director do jornal *O Democrata*
Aveiro

Com referência à notícia publicada no seu conceituado jornal, n.º 1782, de hoje, sob o titulo *Caso Grave* peço a V. a fineza de informar o público de que na Cadeia desta comarca se não encontra, presentemente, qualquer recluso atacado de moléstia contagiosa.

Manifestou-se, é certo, há poucos dias, uma enfermidade dessa natureza em um dos presos, mas a sua remoção, para fins de tratamento, foi efectuada dentro de 5 dias, não podendo ter sido feita em mais curto praso, porque, como é do conhecimento geral, nem nesta cidade, nem nos arredores, existe estabelecimento hospitalar apropriado ao tratamento de tais doenças.

Agradece antecipadamente.

A Bem da Nação
O Delegado do Procurador da República
JOÃO MOURA

Obras do Museu

Foram concedidos mais 200 contos para o seu prosseguimento, mas ainda não é o bastante para se completarem. Confiamos, porém, nos bons desejos de quem nelas superintende.

Récita das crianças

E' hoje à noite e não na próxima segunda-feira, como noticiámos, que se realiza a récita dos alunos das Escolas Primárias da freguesia da Glória, que representarão a peça em 1 acto e 11 quadros *Como se aprende a ser português*, da autoria do sr. dr. Assis Maia, distinto professor do nosso liceu.

O produto das entradas reverte, como também dissemos, a favor das respectivas Caixas Escolares, estando a casa quási tôda passada.

Nortadas

O encarregado de dar aos foles não tem tido descanso nos últimos dias.

Como os leques perderam de moda, é para não tostarmos com o calor...

OS BACALHOEIROS

Deixaram já a nossa ria quási todos os lugres da frota de Aveiro.

Que em boa hora tenham partido.

Crónica alfacinha

Florence Ninghtingale

A-pesar-de se dizer que a mulher é fraca, de quando em vez aparecem vultos femininos desmentindo categòricamente tal afirmação.

De facto, a mulher possui uma inteligência de tal forma refinada, uma perspicácia e principalmente uma astúcia tão desenvolvida, que consegue muitas vezes mais do que a fôrça física do homem, e a prova é que êle se submete com facilidade aos caprichos delas. E, quando a mulher alcança um grau de superioridade pelo estudo, pelas virtudes e pelo sacrifício, em prol da humanidade, essa mulher deve ser o orgulho das outras e a admiração dos homens.

Recorda-me êste mês florido de Maio um dêstes vultos femininos que deixou o seu nome inolvidável sôbre a terra. Refiro-me a Florence Nightingale, natural de Florença mas que viveu em Inglaterra. De tal modo compreendeu os sofrimentos alheios, a tristeza dos pobres, o desespero dos oprimidos e principalmente as dôres físicas que, esquecendo o luxo que a rodeava, fugindo dos salões aristocráticos onde cresceu, olvidando a multidão de admiradores que a perseguiam, se dedicou única e exclusivamente à obra do bem.

Duma cultura vastíssima, depois de ter viajado por quási todos os países da Europa, observando os males da humanidade, dirigiu-se a Roma e aí estudou mais do que nunca as organizações hospitalares, as instituições de solidariedade, tudo o que contribuisse para minorar o sofrimento alheio. Durante a guerra da Crimeia foi enfermeira voluntária e de tal forma se esforçou por fazer-se ouvir das altas individualidades dos diferentes estados que não deixou de ser atendida. Logo apareceram médicos, dando o seu voluntário auxílio aos combatentes feridos, logo nobres mulheres seguiram o seu exemplo tratando os patrióticos soldados; sob o seu apêlo se fundaram novos hospitais militares e vários postos de socorros urgentes. Nunca desanimou, trabalhou sempre infatigàvelmente e passados 90 anos de vida, a maior parte dêles dados à caridade, deixou o mundo em 1910, tendo ainda nos lábios estas formosas palavras: *Morro feliz porque trabalhei para os infelizes.*

Oh! Que se dentro de tôdas as mulheres existisse um pouco de Florence Nightingale, como deixaria de haver tanta miséria, tanta dôr, tanta viuva triste, tanto órfão sem amparo, tanto doente sem consolo! Que honra nos deixou esta simpática mulher, glória do sexo frágil!

Mas não basta pedirmos para se construirem hospitais, casas de caridade, asilos etc., o que é necessário é que demos o exemplo do nosso auxílio desinteressado aos que dêle necessitam, que sejamos caridosos, que pratiquemos o bem sem ostentação e vaidade, com modéstia e sacrifício. Todos podemos contribuir para a felicidade do próximo.

Pobres, com palavras de consolo, conselhos sensatos, trabalho voluntário; os ricos com o auxílio material, lembrando-se que os pobres são seus semelhantes e sentem como êles.

Como seria bom o sexo frágil mostrar-se forte pelas suas virtudes, levantando o mundo do abismo em que dia a dia cai!

Lisboa, 3-V-943

de Palermo

Fora de horas...

Não sabemos se nas outras partes sucede o mesmo; mas em Aveiro estás-se abusando extraordinàriamente da falta de pontualidade em tudo e por tudo.

Ainda no sábado isso deu lugar a justificados protestos no teatro por não haver o direito de, após o começo das sessões cinematográficas, os espectadores serem incomodados pelos retardatários que se dirigem aos seus lugares. Não pode ser. A hora marcada deve ser respeitada. Mas não é só no teatro: é em tudo. Inclusivé nas sessões solenes, de maneira a que não se perca tempo nem enfadem os convidados.

Os protestos ruidosos de sábado, no teatro, foram um sinal evidente de que a paciência tem limites, esgota-se...

Cláusula matrimonial

Na Califórnia realizou-se um casamento em que ficou estabelecido entre os conjuges o seguinte: cada um irá para onde quizer e viverá como lhe aprover, evitando-se, assim, dissidências e questões que não faltam quando os casados se vêem muitas vezes...

Ao que a noiva acrescentou: todavia eu vigia-lo-ei de perto, porque há raparigas muito bonitas por estas redondezas...

Ai, as mulheres, quando elas são dedicadas, nossas amigas...

Falta de espaço

Fica esta semana de remissa, visto não perder a oportunidade, o artigo do nosso apreciável colaborador J. Carreira.

Pedimos desculpa.

Visitai o Parque da Cidade

Cartas a uma amiga de longe

Maio, 1943

Minha querida:

Tenho estado no Douro, onde passei as festas da Páscoa.

Nesta época o campo é um deslumbramento. Os vinhedos e os pomares, frescos como esmeraldas, desdobram-se numa interminável tapeçaria, numa verdadeira apoteose de verde e de flores.

Logo alta manhã, a passarada, chilreando ruidosamente na crista das árvores, anuncia um dia lindo. Pouco depois abre o sol e a sua luz, ora trepando, ora cabriolando, torna mais viva a ilimitada e verdejante aguarela. Por vales e encostas duma beleza impressionista, o nosso olhar vagueia e cortando atalhos e trilhando caminhos, encontra, por tôda a parte, aquela poesia virgiliana, que é obra da Primavera. E a bela paisagem, de aspectos tão inolvidáveis, faz que o pensamento se alheie das coisas do mundo e se afogue gostosamente ali.

A viagem de olhos sôbre montes e no vale profundo onde o Douro serpenteia em cavalgada luminosa, é um deleite para a nossa retina, exausta dos aspectos geométricos da cidade. Sòmente o cantar dos melros, o sussurro da água nas levadas e o rumor da folhagem, que a brisa agita ao de leve, quebra o silêncio. Admirar-nos-ia não ouvir, também, a vozearia cantante dos ranchos de trabalhadores, se não soubessemos que nos dias da Paixão não se trabalha, nem se canta. O meigo Rabbi nazareno, que mostrou aos povos escravizados pela tirania de César e pelos velhos preconceitos hebreus, os benefícios da Liberdade, Igualdade e Fraternidade, vive nos corações daquela gente do Douro. «A sua crença em Jesus Cristo não necessita ser esquematisada pelos doutores da Igreja, sob a égide papal». A sua fé é atávica e o seu reconhecimento profundo poz Aquêle que prégou doutrinas salutares e emancipadoras. A própria Natureza sente, talvez, ali, também, os dias da Paixão de Cristo... O despedir da tarde é mais nostálgico...

Nem o poente de fôgo... Os raios do sol vão-se tornando cada vez mais frouxos, até mergulhar no escuro os cumes durienses, que vão morrer no Marão.

Um abraço da

Zèmi

Passeio fluvial

Promovido pelo *Club Mário Duarte* e oferecido aos seus associados e famílias, realiza-se, no dia 23 do corrente, em barcos engalanados, às margens do Vouga.

Esta digressão através do nosso vasto estuário está já a despertar interesse na sociedade elegante da nossa terra.

Não será confiança demasiada?

—o—

Como todos sabem, o super-britânico Bernardo Shaw—o espirituoso e profundo irlandês, o célebre escritor e dramaturgo admirado em todo o mundo—possui um espírito irónico de tal quilate que pode considerar-se o «maior trocista do Universo».

Após a adaptação cinematográfica da sua obra *Pigmaleão*, Shaw passou a escrever para o cinema. Desta forma, ingressou na Associação de Escritores cinematográficos. Há pouco tempo venceu-se o seu recibo anual da mesma sociedade. Bernard Shaw renovou-o por dez anos, isto é, propõe-se continuar a escrever durante os próximos dez anos!

E tem oitenta e tantos!...

Duas datas

Fez ontem um ano que abandonou as cadeiras da Câmara Municipal do concelho, de que fôra presidente durante um quarto de século, com pouca diferença, o dr. Lourenço Peixinho, e hoje completam-se dois meses que o acompanhámos à última morada, onde dorme o sono eterno.

Dentre as obras principiadas na sua gerência e não acabadas, contam-se, apenas, a Pérgola ao alto da escadaria que dá para o Parque; o passeio das Pirâmides e o Mercado. Deixou, no entanto, em cofre, para cima de 400 contos, tendo mantido a Sopa dos Pobres, por considerar o problema da assistência de grande importância no nosso meio.

O Democrata jàmais esquecerá quem tanto bem fez como filho de Aveiro.

Monumento a Lourenço Peixinho

para lhe perpetuar a memória na Avenida que tem o seu nome

SUBSCRIÇÃO

Transporte	10.200$00
Dr. Ernesto Guedes Pinto (Coimbra)	200$00
Dr. Carlos Guedes Pinto (Bilbau)	250$00
Soma	10.650$00

As quantias recebidas durante a semana, darão entrada, à segunda-feira, no Banco Regional.

Carta de Lisboa

Palavra de ordem

Ainda não se apagaram os ecos magníficos do notabilíssimo discurso pronunciado por Salazar, no passado dia 27, ao microfone da E. N.

O homem que logrou operar o milagre do renascimento nacional, soube, de novo, indicar ao país qual o caminho a seguir nesta hora sobremaneira grave para a vida do Mundo.

Referindo-se à divisão que, por vezes, ainda se pretende fomentar e alimentar entre os portugueses, Salazar disse, ao terminar o seu discurso:

«Sabemos que outras grandes crises europeias ameaçaram semelhantemente dividir-nos à volta de interêsses estranhos; mas agora o Govêrno não pode ser acusado nem de falta de lealdade, nem mesmo de esquecer deveres especiais de fidelidade a relações criadas por séculos de interêsses comuns; o que tem procurado ao mesmo tempo é ser digno, embora dentro daquela larga e condescendente benevolência que é a atitude dos amigos ainda quando não são mais fracos. Que entre nós alguns estrangeiros se queixem, admite-se por mal habituados; que portugueses também nos ataquem, isso só quere dizer que a sua medida de dignidade patriótica não é a nossa. Esta, porém, tomámo-la daquêles portugueses que valiam mais do que valemos e fizeram uma História e criaram uma nação que somos obrigados, mesmo contra alguns, a respeitar e a defender.»

Palavras da mais certa verdade, elas devem estar sempre bem presentes no espírito de todos os portugueses.

E' que, recordando-as nós, entendemos melhor o quanto devemos permanecer unidos à volta de Salazar, porque só através a maior e mais forte unidade nacional, nós poderemos enfrentar e, em grande parte, vencer as dificuldades que, a todos os momentos, se acumulam, tolhendo-nos a vida.

Política do Espírito

A recente distribuïção dos *Prémios Literários-1942* constituiu uma nova afirmação do grande e expressivo valor da Política do Espírito.

No discurso que pronunciou na interessante cerimónia, António Ferro lembrou, mais uma vez, o muito que nêste capítulo tem sido realizado pela Revolução Nacional, sob a égide do Estado Novo.

Política do Espírito! Eis uma frase que nunca foi conhecida nem tida na mesma conta, até ao advento da Revolução Nacional; no entanto, estas duas palavras são hoje legendas duma obra magnífica e a todos os títulos notável.

CORDEIRO GOMES

Fôgo! Fôgo!

A cidade acordou na quinta-feira estremunhada. Como gritos lancinantes de quem pede socorro, as locomotivas do caminho de ferro começaram a apitar estridentemente, desesperadamente. Eram 5 horas da manhã. O sino da torre dos Paços do Concelho dá, também, sinal de alarme, chamando os bombeiros ao quartel. Pelas ruas há correrias e as bombas saiem a caminho da Estação. Estavam em chamas, a arder, quatro vagons carregados de mercadorias—cortiça, lanifícios, ovos e outros artigos—e duas carruagens de passageiros, que o pessoal não teve tempo de desviar do foco em virtude da propagação rápida do incêndio, auxiliada por uma forte ventania que soprava.

Os prejuízos são avultados, tendo as duas companhias de bombeiros da cidade, e também a de Estarreja, trabalhado com denodo, como é costume sempre que são chamadas a prestar os seus serviços.

O 1.º de Maio

Neste dia, consagrado ao operariado de todo o mundo, os proprietários da *Imprensa Universal*, onde o nosso jornal é composto e impresso, confraternizaram com o pessoal das diversas secções durante um jantar que se realizou fora de portas e que deu ensejo à troca de saudações.

Reuniram pela terceira vez, reinando sempre a boa harmonia e a melhor disposição de espírito.

O Democrata vende-se no *Estanco Flaviense*, Rua dos Mercadores.

Aos nossos assinantes

Pedimos o favor de não deixarem devolver os recibos apresentados pelo correio, tendo em atenção o aumento de despeza que isso nos acarreta e bem assim o trabalho administrativo do jornal, que não é pequeno.

Agradecemos.

IMPRENSA

Voga

Na nossa mesa costumam aparecer, de vez enquando, às refeições, uns peixes a que chamam *bogas*. Porém, desta feita, a *boga* transformou-se e apareceu a *Voga* como título de revista para recreio espiritual, tendo recebido esta semana o primeiro número, por sinal muito bem apresentado gràficamente e com escolhida e primorosa colaboração. E' mensal, dirige-a a sr.ª D. Deolinda de Sousa Gomes e tem por fim contribuir para uma maior expansão da cultura no nosso país.

Longa vida lhe desejamos.

Numeração dos prédios

Pertence ao número das pequenas coisas, mas é duma grande utilidade, facilitando imenso a distribuïção do correio aos domicílios.

Quando se resolverá a Câmara a suprir a falta?

"O Costa do Castelo„

Êste filme português, que se exibiu últimamente em seis sessões, no nosso teatro, deve ser, no género, o mais equilibrado dos que os nossos artistas têm *cosinhado* e que por isso mereceu da crítica referências que o colocam num plano superior aos que por aí têm passado.

O Costa do Castelo, a par da boa *fotografia* e sonorização, tem passagens cheias de humorismo, umas, e de ensinamentos, outras, que muito valorizam o filme, tornando-o deveras apreciado pelo público.

Isto sem falar na parte moral, que também é importante, principalmente para os tempos que correm...

Além túmulo

Tenente Lopes dos Santos

Um ano volvido sôbre o seu desaparecimento da terra, recordamo-lo saudosamente, visto ter pertencido ao número dos bons amigos que nos deram provas da sua lealdade e da sua dedicação.

A' sua memória, estas simples linhas; o bastante, como lembrança.

A VOZ DE SALAZAR

—o—

Salazar falou aos portugueses no dia em que se completaram 15 anos depois que tomou conta da pasta das Finanças.

Palavras claras, de um homem e de um político, a confirmar uma das suas primeiras afirmações de que *a obra política é, sobretudo, obra de resultados.*

Salazar ama as certezas, e destas falou agora aos portugueses, explicando-lhes *os princípios e a obra da Revolução no momento interno e no momento internacional.*

Sendo-nos impossível reproduzir o seu longo discurso, apenas temos de nos limitar às três seguintes passagens que achamos dignas de arquivo:

Um século de discursos...

«O eterno *déficit*, o mistério tenebroso das contas e da dívida pública; o espectro da bancarrota; a quebra da moeda; o *déficit* da balança comercial; a insuficiência economica; a miséria agrícola; o repovoamento florestal; as estradas; os portos; o analfabetismo; o abandono das populações rurais; a pesca; a marinha mercante; a administração colonial; a instrução e rearmamento do Exército; a reconstrução da marinha de guerra; a viciosa educação da gente portuguesa; a emigração; o quadro das nossas relações internacionais; a questão religiosa—tudo isto absorveu literalmente um século de discursos, toneladas de artigos e não deu um passo, salvo sempre o respeito pelos esforços honestos e realizações parciais úteis, entre as quais se destacam o fomento das comunicações e a ocupação colonial.»

A rehabilitação necessária

«Sob o aspecto moral e àparte o valor eterno de alguns princípios, aquela política a que chamamos *do espírito* no mais amplo significado, gira tôda à volta de uma dupla rehabilitação—a de Portugal no ânimo dos portugueses e a dos portugueses no concêrto das nações. Uma e outra eram necessárias; ambas as empreendeu e levou a cabo a Revolução.»

Palavras duras: o egoismo calculista

«A nossa atitude digna perante a imensa desgraça da guerra, os milhões de seres que morrem de fome, de miséria e de dor, não é um vago sentimento ou palavra de comiseração, deixada cair com indiferença real, mas a modéstia, a renúncia, a paciência que ao menos traduzam, na falta de auxílios, por vezes, impossíveis, a verdade de uma comunhão ou ambiente moral. Como está longe dêstes sentimentos o egoismo calculista e ganancioso que pode iludir a lei **para meter em cofre a miséria alheia!**»

O carro das regas

Apareceu à cêna para espalhar, apenas, umas gotas de água em algumas ruas onde passou.

E se a Câmara substituisse o carro do lixo por carros de bois de modo a utilizar a gazolina no carro das regas?

Como lembrar não ofende...

Atenção para a 4.ª página

Unidade da ciência

Considerações sôbre o Ensino Técnico

por Jorge Vernex

Outrora, a *ciência* confundia-se com a *filosofia*, na grande maioria dos seus aspectos. Por isso se apresentava, como sistemàtica do saber, em bloco unitário.

Depois, a técnica especializou certos ramos, desenvolvendo-os em divisões e sub-divisões tão afastadas do tronco originário que—nos dizeres do Presidente da Academia das Ciências de Viena—«desapareceu o antigo tipo de erudito de natureza universalista», aparecendo em seu lugar o *saber* e as «actividades isoladas». A culpa é atribuida à técnica que é acusada «de ter servido o capitalismo, abrindo caminho à sua época com todos os inconvenientes que o caracterizam. Diz-se mais que destruiu o fundo do sentimento religioso e a sensibilidade estética, transformou o mundo num mecanismo, despersonalizou o trabalho e, impelida por uma errada crença de progresso, lançou a humanidade numa revolução de ritmo vertiginoso».

¿Até que ponto é isto verdade?

A indústria, que é filha da técnica, transformou o *agrarismo* dos povos em *urbanismo* que, a maior parte das vezes, era um amontoado de misérias, porque a técnica científica da indústria não saía daí, fechando os olhos à parte social do problema.

Há, com efeito, uma avançada «*revolucionária*, desde a *revolução industrial* da Inglaterra até à moderna conquista diária dos novos campos da produção, da transformação e dos transportes»—elucida o citado Presidente, Dr. von Srbik.

Mas «os seus inconvenientes sociais e nacionais nunca exercem uma acção duradoira», porque, «se a técnica aniquila, além de valores caducos, também valores vitais, por outro lado cria com espiritualismo consciente novas formas de vida, e o espírito e a prática transformou-se nela em **unidade**».

Verifica-se, indiscutivelmente, que o homem se assenhoria do novo terreno e «tanto a actividade puramente científica, como o trabalho produtivo, frutificam em muito reciprocamente.»

Em todo o caso, o capitalismo, com a desigualdade de condições sociais, passou de moda. Hoje fala-se, sim, mas é na «comunidade popular» e no «aparecimento duma nova época nacional de natureza orgânica», tanto no campo da manufactura prática, como no campo das investigações de laboratório, meramente científicas ou genèricamente filosóficas. O homem acompanha o seu tempo e o norte actual é a **unidade**.

«Está, porém, ainda por resolver uma das principais tarefas do futuro. A Universidade não o deverá ser como comunidade de investigadores, professores e alunos das diversas disciplinas ligadas a um todo orgânico. O Instituto Superior Técnico, sucessor das escolas policténicas, não deverá englobar exclusivamente uma variedade de ciências técnicas.

Ambos os centros da cultura—esclarece o homem da ciência vienense—estão hoje intimamente ligados pela idéia da obrigação da ciência se pôr ao serviço do Povo».

A ciência está, pois, a caminho de trazer à Humanidade sofredora novos conceitos de vida e novos estádios de civilização. Os Estados, acorrendo ao chamamento da inteligência e das necessidades sociais, empenham-se em satisfazer, tanto quanto possível, as novas exigências do tempo—ao serviço do Povo.

Em Portugal, por exemplo, é sintomático o facto de a tôda a hora se ouvirem pedidos para a criação de escolas técnicas regionais.

Notas Mundanas

Aniversários

Fazem anos: hoje, os srs. Abel Gonçalves e Manuel Moreira Vinagre, guarda-livros da Fundição Aveirense; ámanhã, as meninas Ana Vitória Amador e Elsa da Cunha Reis e José Rezende Génio de Lima, filhos, respectivamente, dos srs. Amadeu Amador, Carlos Alberto Reis e tenente José Barata Freire de Lima, comandante da secção da Guarda Fiscal de Mourão (Alentejo); no dia 10, a interessante Marília Morais, filha do comerciante sr. Alvaro Morais; o menino Guilherme Augusto Pinto Basto Taveira, filho do sr. José Martins Taveira, e o sr. Albino de Jesus, 2.º sargento-músico no Funchal (Ilha da Madeira); em 12, a sr.ª D. Maria da Glória Pinto, esposa do sr. Alberto Vaz Pinto, 1.º sargento de Cavalaria 5, e em 13, a sr.ª D. Augusta de Morais Sarmento Q. Domingues, esposa do sr. capitão Quina Domingues.

Partidas e Chegadas

Com pouca demora esteve no último sábado em Aveiro a menina Emília Odette Gonçalves Florêncio, interessante filha do sr. Américo Mário Florêncio, nosso assinante em Elvas.

Andou em digressão pelo norte do país, juntamente com algumas companheiras, alunas dum colégio daquela cidade.

—Também aqui vimos esta semana os srs. capitão Cosme de Lemos, de Alquerubim; Artur Sequeira, funcionário dos correios em Coimbra e Artur Calisto, aluno da E. C. S. de Agueda.

Dinastia sem coroa...

Os Chamberlains repetiram, no nosso tempo, o caso da dinastia política estabelecida na Inglaterra pelos Pitt—destinados a um dia abaterem a soberba de Napoleão.

O homem do inglório acôrdo de Munique—êsse pacifista tão representativo e bem intencionado—foi o terceiro do seu nome, que ocupou o lugar de 1.º ministro no Govêrno de Londres.

Mas há uma diferença: seu pai, Joe, e seu irmão mais velho Austin, foram famosos pela sua elegância, coisa com a qual Sir Neville não se preocupava. Joe Chamberlain, que foi um dos pioneiros do Império Britânico, promovendo a conquista do Transvaal e do Orange, exibia sempre na lapela dos seus fraques irrepreensíveis, uma orquídea. Sir Austin Chamberlain preferia uma camélia ou uma gardénia. Neville Chamberlain exibia, apenas, o seu pacífico e nada espectacular guarda-chuva.

Visitai o Parque da Cidade

CORRESPONDÊNCIAS

Verdemilho, 1

Ecos de uma jornada

Quando da visita a êste rincão da outrora Vila de Milho, do notável crítico de arte, artista plástico e prosador de rara elegância, Dr. Abel Salazar, êste notável professor, escreveu para o Livro de Honra do Solar da Quinta de N. Sr.ª das Dores, as impressões que se registam e que colheu, observando a natureza:

Tenho ainda deante dos meus olhos as perspectivas da sua Quinta, que se vêem da varanda poente: — o grande rítmo de linhas calmas, perdendo-se com serenidade no horizonte estático, para além da cortina de bosques próximos; e o mistério dos horizontes, diluido na aguarela da ria, em que apontam duas tôrres cónicas para além das quais se advinha o mar imenso...

E, como contraste, o cenário romântico da fonte solitária, onde murmuram águas plangentes e onde há bancos de nostalgia...

...Tudo isso, e a graça *sui generis* de algumas raparigas, cujos perfis vejo projectados na grande cenografia calma de linhas, silenciosa na luz velada de brumas de aguada, fantasmagórica dos horizontes fugidios..

Tudo isso me ficou gravado para sempre, e com tal nitidez, que o poderia reproduzir em esquisso, numa água forte...

...E A GRAÇA «SUI GENERIS» DE ALGUMAS RAPARIGAS...

E' sobremaneira honrosa esta apreciação à nossa terra feita pelo consagrado artista.

—Realizou-se, domingo, com carácter familiar, o consócio do sr. João Francisco Neto, filho do sr. Manuel Francisco Neto, com a menina Maria dos Anjos Rosa, interessante filha do sr. Acácio Rosa.

Após a cerimónia, que foi celebrada na capela dos pais da noiva, foi servido um abundante *copo de água*, durante o qual foram enaltecidas as qualidades morais dos nubentes, que receberam inúmeras prendas e foram muito felicitados.

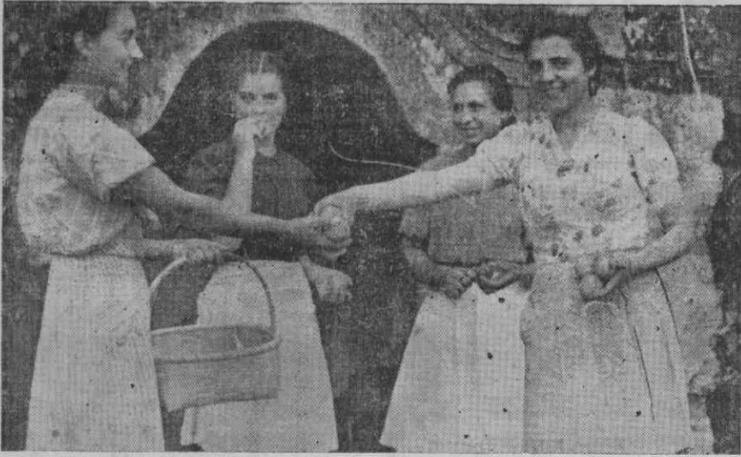
Desejamos-lhes um futuro risonho.

—Faz anos, na quinta-feira, Saúl Nunes das Neves, aluno da Escola Fernando Caldeira, dessa cidade, e filho do sr. João Neves.

Parabens.

C.

Aradas, 5

Num dos últimos números dêste jornal, dissemos que a Casa do Povo desta freguesia, tinha iniciado a distribuïção de subsídios—por doença e morte—aos seus associados.

E suscitou-nos tanto carinho esta atitude, que incorreríamos numa grande falta se deixássemos passar despercebido aquêle acto tão humanitário, com o qual bastante beneficiaram os sócios daquêle organismo que, devido à sua humilde condição, atravessam uma época cheia de privações.

Não é aqui, porém, o terminus da protecção a conceder. A Casa do Povo leva mais além o seu empreendimento; e no intuito de imprimir maior auxílio aos seus associados, conseguiu, recentemente, ver coroados de êxito os seus desejos, com a aprovação, pelo Govêrno, de um projecto, cujos fins altruistas se traduzem na criação de mais um abôno—o subsídio por invalidez.

E, em face desta realidade, 19 inválidos desta freguesia começaram a receber uma mensalidade, que é inicialmente um bom alívio para a sua modesta condição de vida, e mais uma etapa vencida no caminho de benfazer.

Contudo, não é só até êste ponto que os dirigentes daquêle organismo dão o melhor do seu esfôrço; prometem muito mais, depois de terem dado bastante do que haviam prometido.

E, em breve, logo que circunstâncias de ordem vária o permitam, tencionam elevar o quantitativo dos subsídios.

No entanto, para que da sua boa vontade alguma coisa de útil resulte, é necessário que todos os proprietários desta freguesia colaborem de boa vontade também no recrudescimento da Casa do Povo, correspondendo, assim, ao esfôrço tão humana e desinteressadamente dispendido pelos seus orientadores.

E, para isso, basta que prontamente liquidem as suas cotas, dando aso a que todos os serviços inerentes àquêle organismo, decorram com a normalidade precisa.

P.

Esgueira, 5

A nossa terra esteve domingo bastante movimentada devido à festa da Senhora do Alamo e à inauguração do Cruzeiro, que foi restaurado. O largo oferecia aspecto encantador em virtude da variedade de flores com que foi caprichosamente ornamentado.

Houve missa solene e no cortejo, que se realizou, incorporaram-se as crianças das escolas e da Cruzada, a banda da Companhia V. S. P. Guilherme G. Fernandes e muitas outras pessoas.

O Cruzeiro, descerrado pelo representante da Junta, sr. Francisco de Bastos, foi depois benzido pelo pároco da freguesia, que usou da palavra juntamente com os srs. Severiano F. Neves, professor primário, e o estudante Artur Alves Moreira, sendo, no final, muito aplaudidos.

A' comissão, a quem se deve a restauração daquêle monumento e em especial ao nosso amigo sr. Jorge Marques, que muito contribuiu com o seu esfôrço e boa vontade, os nossos louvores.

—Era justo que agora se pensasse em reparar o Pelourinho, que é uma recordação do passado.

C.

Revista de inspecção

Por Edital publicado pelo Comando do Regimento de Infantaria n.º 10, são convidados a comparecer naquela unidade, no dia 30 de Maio, pelas 9 horas, com as respectivas cadernetas militares e os artigos de uniforme que lhes estão distribuidos, a-fim-de lhes ser passada a revista de inspecção determinada no Regulamento Geral do Serviço do Exército, todos os militares na situação de disponibilidade, das freguesias de Aradas, Cacia, Esgueira, Eirol, Eixo, Senhora da Glória, Nariz, Oliveirinha, Requeixo e Vera Cruz.

Os militares nestas condições que se apresentem na secretaria daquela unidade em qualquer dos 15 dias que precedem o fixado para a revista anual de inspecção, das 10 às 16 horas, são dispensados de comparecer no dia marcado.

Feira-Exposição de Março

Resultado dos festivais nocturnos realizados em 11 e 25 de Abril de 1943.

RECEITA	Festival de 11 de Abril		
	Entradas	7.706$00	
	Festival de 25 de Abril		
	Entradas	5 610$00	13.316$00
DESPESA	Festival de 11 de Abril	6.201$40	
	Festival de 25 de Abril	6.912$50	13.113$90
	Saldo líquido. . . .		202$10

Aveiro, 26 de Abril de 1943.

António Nunes Ferreira Ramos
António Pereira Osório

NOTA — Este saldo foi entregue à Ex.ma Câmara Municipal com destino à Sopa dos Pobres e tôda a documentação referente a êstes festivais encontra-se patente na secretaria da mesma Câmara.

Agradecimento

António Joaquim de Pinho e família vem, por êste meio, agradecer a tôdas as pessoas que os acompanharam no golpe que acabam de sofrer com a perda da sua Filha, Esposa, Irmã e Cunhada — D. Rosa de Pinho Cabrita — saldando assim qualquer dívida de gratidão que, involuntàriamente, tenham deixado em aberto.

Aveiro, 5 de Maio de 1943.

Agradecimento

A família do falecido Raul de Carvalho, reconhecida às pessoas que o acompanharam à última morada, testemunha-lhes, por esta forma, a sua gratidão.

Aveiro, 6 de Maio de 1943.

Produzir e poupar é defender a Nação.

Quanto maior fôr a área das terras alqueivadas, tanto maior será a quantidade de trigo que se lançará à terra.

Quanto melhor fôr trabalhada a terra, maior garantia de êxito terá a futura colheita.

Não se deve demorar o início das lavouras de alqueive pois, se assim se fizer, circunstâncias metereológicas desfavoráveis podem obrigar a grave redução da área do alqueive.

NECROLOGIA

Tendo caído à cama nos meados de Abril com uma doença no estomago, que se manifestara com carácter alarmante, sucumbiu às primeiras horas da tarde de domingo, depois de empregados todos os recursos da ciência para lhe debelar o mal, o sr. Mário Martins Arroja, que na secretaria da Câmara desempenhava as funções de aspirante desde 1936.

Possuindo predicados que lhe grangearam fundas simpatias e sólidas amizades, foi com bastante mágoa que a notícia da sua morte se espalhou pela cidade, causando dolorosa impressão, principalmente entre os que de perto privavam com o inditoso aveirense, que se despede do mundo na plenitude da vida—30 anos!

Mário Arroja, logo que se apercebeu que a doença que o minava o atiraria para a sepultura, fez várias recomendações à família, manifestando-lhe desejos de que queria o seu entêrro realizado civilmente, o que teve lugar na tarde do dia seguinte. No fúnebre cortejo, que saiu do quartel da Companhia Voluntária S. P. Guilherme G. Fernandes, onde o cadáver foi depositado, para o cemitério central, incorporou-se uma massa compacta de povo, constituida por pessoas de tôdas as categorias sociais, vendo-se logo atrás do feretro, que seguia no auto daquela corporação de bombeiros, o distinto advogado sr. dr. Jaime Duarte Silva, a quem foi entregue a chave da urna.

A tôda a família, nomeadamente aos pais do extinto, António Salgado e esposa, bem como aos irmãos—Emilia, Lucília, José, Armando e António Arroja—as nossas sentidas condolências.

* * *

Em Lisboa também acabou o seu sofrimento ao cair da tarde de terça-feira a sr.ª D. Maria Luiza da Cruz Lima, dilecta filha do nosso presado conterrâneo sr. Alvaro da Rosa Lima, 1.º oficial do ministério da Marinha, aposentado, e a quem uma grave enfermidade há muito torturava.

Insinuante e prendada e possuindo dotes de coração e espírito que muito a distinguiam, a extinta desaparece em plena mocidade—28 anos—e esteve no Caramulo em procura de alívios para o seu mal e últimamente no Sanatório de Montachique, de onde regressou a semana passada à capital.

Sentindo o desgosto por que acaba de passar o sr. Alvaro Lima, acompanhamo-lo e a tôda a família, sem excluir o sr. Angelo da Rosa Lima Júnior, a sr.ª D. Maria da Luz M. Lima Pinto e os srs. Jaime, Angelo e Fausto Lima, respectivamente tio e primos da inditosa senhora, no luto que os envolve.

* * *

Naquela cidade finou-se esta semana o nosso patrício Elmano da Costa Oliveira, que ali se dedicava à indústria de marmoritos.

Era mais conhecido pelo *Figuito*, esteve na América, contava 44 anos, deixando viuva, sem filhos.

Sentimos.

* * *

Faleceram mais: nesta cidade, o comerciante Belarmino Rosete, de 46 anos, casado com a professora sr.ª D. Maria da Luz Seabra Barreto, e natural de Febres (Cantanhede), e em *Esgueira*, António Dias de Oliveira, casado de 77.

Secção Desportiva

Foot-ball

No encontro efectuado domingo, no Estádio Mário Duarte, o *Beira-Mar* bateu o *Anadia F. Club* por 2-1.

* * *

A'manhã devem defrontar-se o *Lamas F. Club*, campeão do distrito, com o *team* local, às 15 horas.

«O Democrata»

ASSINATURAS
(Pagamento adiantado)

Portugal (Ano)	30$00
Semestre . .	15$00
Colónias (Ano) .	30$00
Estrangeiro (Ano)	40$00
Número avulso .	$60

ANÚNCIOS
Mais duma publicação, contrato especial.